

AUTISMO: HISTÓRIA, CLASSIFICAÇÕES, TEORIAS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DOCENTE¹.

MURBACH, Liz Raquel Ortellado
SOUZA, Rosilene Prieto

RESUMO: O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com essa pesquisa objetivou-se estudar os aspectos históricos constitutivos do conceito do TEA, descrever o quadro nosográfico e conhecer abordagens teórico-metodológicas que contribuam para o trabalho docente no atendimento precoce do TEA. Dos resultados destaca-se a importância dos anos de pesquisa para os avanços em relação ao diagnóstico e ao tratamento, para a compreensão da diversidade de características dos indivíduos, para a desmistificação da abordagem do autismo como doença. Conclui-se, reforçando a necessidade de continuidade nas pesquisas a respeito do tema e pelo maior investimento em políticas públicas efetivas no atendimento ao TEA.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Educação; Metodologias.

INTRODUÇÃO

O autismo é um tema cada vez mais recorrente nos debates educacionais e, até mesmo a população em geral, já ouviu falar a seu respeito, Isso se deve, em partes, pela divulgação científica, pela sociedade organizada e pelo crescimento nos índices de pessoas diagnosticadas como autistas ou com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, por mais que exista uma melhor divulgação e um movimento de conscientização, percebe-se que a percepção do autismo, em torno do termo, ainda é marcada por estereótipos e preconceitos. Por exemplo, em nossas práticas curriculares do estágio obrigatório e, também, da participação como bolsistas no Programa da Residência Pedagógica (PRP), Subprojeto do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em uma escola pública central de Ponta Porã, presenciamos os desafios e a ausência de profissionais qualificados para o atendimento dos alunos autistas. Colaboramos com o

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Ponta Porã, sob orientação da Profa. Dra. Kellys Regina Rodio Saucedo.

atendimento e observamos as diversas maneiras como as crianças se expressam e interagem com o mundo. Eventualmente, ouvimos indagações sobre as origens, causas e fatores relacionados ao autismo. Associações equivocadas relacionadas à alimentação, ou questões familiares também foram mencionadas. O contato direto com essa realidade nos fez perceber a importância de promover um ambiente inclusivo e acolhedor. Aprendemos a valorizar as particularidades de cada aluno e sentimos o desejo de desenvolver estratégias que facilitem sua participação nas atividades escolares. Essa vivência nos motivou a buscar mais conhecimento sobre o assunto, desde as teorias até as práticas pedagógicas que melhor atendem às suas necessidades.

O que mais nos inquietou foi a ausência de um atendimento personalizado que garantisse o progresso e a integração desses alunos em sala de aula, eliminando barreiras de aprendizagem tanto para eles, quanto para os professores. Os limites das condições materiais ao atendimento geraram uma série de desafios, tais como: a dificuldade em manter a atenção dos alunos e em adaptar o conteúdo às suas necessidades específicas. Essa situação nos fez refletir sobre a importância de um acompanhamento especializado e de buscar mais conhecimento a respeito do tema, pensando em nosso futuro profissional. Tais experiências, vividas nos estágios e no PRP foram cruciais para a escolha do tema de pesquisa, pois acreditamos que a formação e a presença de profissionais especializados são fundamentais para garantir a inclusão e o desenvolvimento pleno de todos os alunos.

Considerando-se o exposto, optou-se pela a metodologia de pesquisa bibliográfica por sua relevância para o aprofundamento e o desenvolvimento do conhecimento acerca do tema escolhido. O levantamento das referências teóricas deu-se por meio de trabalhos já publicados em meios escritos e eletrônicos, tais como: livros, artigos científicos, teses e dissertações. Delimitou-se os seguintes objetivos para leitura e sistematização do conhecimento: a) Pesquisar e descrever aspectos históricos constitutivos do conceito do TEA; b) Identificar e descrever o quadro nosográfico - as classificações recentes -, do TEA; c) Conhecer abordagens teórico-metodológicas que contribuam para o trabalho docente no atendimento precoce do TEA.

Avalia-se, que este trabalho não só reflete nossa vivência prática, mas também representa um compromisso com a busca por uma educação inclusiva e equitativa, onde todos os alunos, independentemente de suas particularidades, tenham acesso às ferramentas necessárias para o pleno desenvolvimento acadêmico e social.

1. AUTISMO E SUA HISTÓRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta seção é dedicada ao estudo dos aspectos históricos e constitutivos do conceito do Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA faz referência a um conjunto de condições que aparentam a maneira de como a pessoa percebe e interage com o mundo ao seu redor, sendo definido por uma diversidade de características neurológicas. O autismo se manifesta em diferentes níveis e é observado de forma única em cada indivíduo (Donvan; Zucker, 2017).

As primeiras descrições autísticas datam do século XVIII, no contexto dos estudos de doenças mentais infantis. Bleuler (1911 apud Mas, 2018) intitulou Síndrome Autística da Esquizofrenia para descrever uma forma particular de esquizofrenia. Até meados do Século XIX o autismo estava relacionado a doenças mentais e psicoses exógenas e, não, a uma condição neurológica humana (Mas, 2018).

Somente, em 1943, o psiquiatra americano Leo Kanner - autor do artigo *Autistic disturbance of affective* -, delineou, pela primeira vez, a partir do estudo de onze crianças, um conjunto de características comportamentais para definir o termo autismo infantil (Kanner, 1943 apud Gonçalves, 2021; Bialer; Voltolini, 2022). Kanner enfatizou as dificuldades de comunicação, interação social e imaginação, além de comportamentos repetitivos e interesses restritos dos sujeitos estudados. Ele, também, foi responsável pela expressão “mãe geladeira”, para se referir a situações observadas nas interações familiares entre mães e filhos autistas. Tal expressão gerou discursos de culpabilização das mães, o que foi negativo, mas, por outro lado, estimulou a atenção da população e o afloramento de novas pesquisas (Bialer; Voltolini, 2022).

As décadas seguintes de 1950 e 1960 foram marcadas por diversas perspectivas e controvérsias. Momento em que, várias teorias a respeito das causas do autismo foram expostas, incluindo fatores psicológicos e genéticos; ampliando a compreensão do autismo e reconhecendo a sua natureza complexa, assim como, a necessidade de uma abordagem mais abrangente.

A comunidade científica debatia a existência do autismo como sendo um distúrbio único ou um conjunto de condições distintas. Os estudos de Hans Asperger contribuíram para a interpretação de diferentes quadros diagnósticos do autismo (Mas, 2018), tais considerações só foram integradas, mais tardiamente, às classificações diagnósticas.

A necessidade de um discurso comum entre clínicos e pesquisadores de diferentes campos do conhecimento levou a inclusão do autismo nos manuais diagnósticos. O mais recente Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) registra as alterações na nomenclatura, que possivelmente deram origem ao TEA, a saber a:

Fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista. Os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidade que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos (APA, 2014, p. 42).

Como o propósito de identificar os prejuízos observados e agilizar o diagnóstico de TEA, mudanças foram implementadas no Manual. A globalização dos termos e a classificação a partir de níveis ao invés de graus impulsionou avanços para a pesquisa, diagnóstico, intervenção e na luta por uma sociedade mais inclusiva (Evêncio; Fernandes, 2019).

Orrú (2012) afirma que a história o autismo foi cercada por mitos e estereótipos que contribuíram para o estigma e a discriminação, é crucial desconstruir essas falsas crenças e promover uma visão mais precisa e humanizada da condição. Um dos mitos mais comuns é a ideia de que pessoas com autismo são incapazes de sentir emoções. Elas experimentam emoções como qualquer outra pessoa, mas podem ter dificuldades em expressá-las ou

compreendê-las nos outros. De acordo com a mesma autora, outro mito prejudicial é a crença de que o autismo é uma "doença" que precisa ser "curada". O autismo é uma condição neurológica inerente ao indivíduo e não uma doença a ser erradicada.

1.1 Características do Autismo

Das características mais marcantes do autismo estão as de cunho interacional e comportamental. No que diz referência aos aspectos comportamentais estão as estereotípias, ou seja, os movimentos repetitivos que são comportamentos repetitivos, rítmicos e aparentemente sem propósito. Esses movimentos podem incluir balançar o corpo, bater palmas, balançar as mãos ou girar objetos (Padrón, 2024; Almeida, 2024).

As estereotípias são frequentemente observadas em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas também podem ocorrer em outras condições neurológicas ou mesmo em pessoas sem qualquer diagnóstico. Estereotípias motoras ou Transtorno de movimento estereotipado; no DSM-IV -, são mencionadas em contextos como o Transtorno Autista (F84.0), Transtorno Desintegrativo da Infância (F84.3) e no Transtorno de Movimento Estereotípico (307.3). O código do CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) para Transtorno de Movimento Estereotipado é F98.4. Este diagnóstico abrange comportamentos motores repetitivos, sem função aparente, que podem ser prejudiciais (como bater a cabeça) ou não prejudiciais (como balançar o corpo). Os exemplos mais comuns de estereotípias observadas em crianças são: necessidade exacerbada de movimento, flapping (movimento de balançar as mãos), rocking (balanceio), pular na cama, sofá, no chão, na frente da TV, girar sobre o próprio eixo; olhar objetos que giram; movimento repetitivo para frente e para trás; correr sem função ou objetivo claro; andar na ponta dos pés; bater a cabeça, morder-se, movimentar dedos e mãos na frente dos olhos, etc.

Abordando os aspectos interacionais Orrú (2012) expõe:

Dificuldades na comunicação e interação social, dificuldade em iniciar ou manter conversas; falta de contato visual e expressões faciais limitadas; dificuldade em compreender ou usar linguagem corporal e tom de voz; preferência por atividades solitárias e comportamentos repetitivos e interesses

restritos: rotinas rígidas e inflexibilidade à mudanças; movimentos repetitivos, como balançar o corpo ou bater as mãos; fixação por interesses específicos e detalhados, dificuldades sensoriais: hipersensibilidade a estímulos sensoriais como luz, sons, texturas e cheiros; hipossensibilidade a estímulos sensoriais, como dor ou temperatura, desafios na aprendizagem e desenvolvimento motor: dificuldades em acompanhar o ritmo de aprendizado em sala de aula; atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem; dificuldades na coordenação motora fina e grossa (ORRÚ, 2012 p. 12).

Belisário Filho e Cunha (2010) complementam que,

O autismo manifesta-se até os três anos de idade e ocorre quatro vezes mais em meninos do que em meninas, algumas características são bem gerais e marcantes, como a tendência ao isolamento, a ausência de movimento antecipatório, as dificuldades na comunicação, as alterações na linguagem, com ecolalia e inversão pronominal, os problemas comportamentais com atividades e movimentos repetitivos, a resistência a mudanças e a limitação de atividade espontânea (p. 23).

O autismo, ainda, pode vir acompanhado de outros distúrbios, como depressão, epilepsia e hiperatividade, apresentando-se em níveis diferenciados; desde os mais severos em que a pessoa não fala, não olha, não mostra interesse algum no outro; e até os mais leves - chamado de alto funcionamento - em que eles falam, são capazes de acompanhar o estudo normalmente, desenvolver uma profissão e criar vínculos com outras pessoas.

Reconhecendo as características e os comportamentos têm-se os pontos iniciais para orientar os pais para a avaliação diagnóstica por profissionais habilitados. Nota-se, que também, nesse aspecto devido às pesquisas aconteceram um conjunto de mudanças, portanto, apresenta-se, a seguir, uma análise das variações e ampliação da compreensão do TEA, por meio do estudo da trajetória do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM.

2. CLASSIFICAÇÕES DO AUTISMO

A história do Transtorno do Espectro Autista foi marcada por uma trajetória complexa, ainda, em constante evolução, observado desde as primeiras descrições até o conceito abrangente que o define nos dias atuais.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM é um guia para profissionais da saúde mental. Por meio de suas edições o DSM ajuda a compor o quadro nosográfico - classificação e descrição de transtornos mentais - entre eles o Transtorno de Espectro Autista.

No DSM-I (1952) o primeiro registro sobre o pensamento autista refere-se à psicose infantil, caracterizado por retraimento social, falta de linguagem e comportamento inadequado. Essa visão limitada do autismo influenciou negativamente o diagnóstico e o tratamento por décadas (Mas, 2018).

O DSM-II (1968) explicita o autismo em dois momentos, primeiro para descrever sintomas de esquizofrenia infantil e depois para expressar o pensamento da personalidade esquizóide (Mas, 2018; Gonçalves, 2021).

A terceira edição do Manual, DSM-III (1980), adentrou em mudanças significativas, assim como em controvérsias a respeito dos critérios diagnósticos. O autismo ficou dividido em subtipos: Autismo infantil, Transtorno de Retardo Infantil e Transtorno de Personalidade Autista, gerando mais dificuldades na avaliação do quadro (Gonçalves, 2021).

O DSM-IV (1994) consolidou o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), reconhecendo a natureza contínua da condição, a partir de critérios para diagnóstico na comunicação social, comportamento repetitivos e restritos. O DSM incluiu também o sistema de gravidade para auxiliar no planejamento do tratamento (Mas, 2018).

No DSM-V (2014) uma nova mudança registrou a eliminação de subcategorias, o foco se volta para dois domínios principais: a) déficits na comunicação social e interação social e b) comportamentos repetitivos e restritos (APA, 2014). Com isso, a neurodiversidade e a individualidade de cada pessoa autista é reconhecida e integrada:

O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação,

transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (APA, 2014, p. 53).

O DSM, desempenhou um papel categórico na evolução do diagnóstico do TEA, ao longo de suas edições o manual refinou critérios, expandiu a compreensão da condição e reconheceu a sua heterogeneidade, essa jornada de pesquisa registrada no DSM contribuiu para a identificação mais precisa do TEA e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes.

Atualmente, o DSM-V (2014) não utiliza mais classificações por graus de autismo, leve, moderado e severo, mas sim classifica o TEA com base no nível de suporte necessário, sendo esses:

Nível 1, requer suporte leve: os indivíduos apresentam dificuldades significativas na comunicação e interação social, apresentam dificuldades em mudar rotinas e apresentam comportamentos repetitivos, mas geralmente conseguem se manter independentes na vida adulta com o apoio adequado.

Nível 2, requer suporte moderado: nesse nível os indivíduos apresentam dificuldades mais graves na comunicação e interação social, precisando de apoio em diversos ambientes, exibem comunicação verbal limitada ou ausente em diversos ambientes e possuem comportamentos repetitivos mais frequentes e complexos.

Nível 3, requer suporte severo: apresenta necessidade muito grave de apoio na comunicação e interação social, podem ter comunicação verbal muito limitada ou ausente, apresentando comportamentos repetitivos muito frequentes e complexos.

É de extrema importância ressaltar que a classificação por níveis é apenas uma ferramenta para auxiliar os profissionais a entender as necessidades de cada indivíduo com TEA, o foco principal dos profissionais que atuam com pessoas autistas é de ajudar no apoio individualizado que cada pessoa precisa alcançar em seu pleno potencial.

3. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NA INTERVENÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS AUTISTAS

Este tópico propõe abordar contribuições teórico-metodológicas para o atendimento precoce ao autismo. Realizar a intervenção precoce é fundamental para o desenvolvimento integral infantil, uma vez que permite analisar e identificar as necessidades individuais, otimizar o processo de aprendizagem, prevenindo dificuldades futuras, promovendo a inclusão (Chiote, 2023). A intensidade das conexões neurais infantis é diferente do cérebro adulto, é muito mais intensa, a estimulação adequada, nesse período, é crucial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. As experiências vividas na infância moldam a forma como as crianças aprendem e se relacionam com o mundo, a intervenção precoce pode prevenir dificuldades de aprendizagem, consolidar comportamentos e gerir emoções, proporcionando uma base sólida para o futuro (Chiote, 2023).

O sociointeracionismo de Vygotski (1993; 2005) destaca a importância da interação social para o desenvolvimento cognitivo, o professor orienta a construção do conhecimento, oferecendo desafios e apoio adequado à zona de desenvolvimento proximal (ZPD) da criança. A teoria de Vygotski (2005) oferece um arcabouço teórico valioso para compreender e orientar a prática pedagógica com crianças autistas. A teoria defende que o aprendizado ocorre de forma mais eficaz quando o indivíduo é desafiado na ZPD, ou seja, na região entre o que a criança já sabe e o que ainda não domina por completo. O professor atua garantindo o suporte necessário para que o aluno avance em suas habilidades.

Segundo Vygotski (2005) a linguagem é uma ferramenta cultural essencial para a construção do pensamento, o professor deve utilizar a linguagem de forma clara e concisa, com apoio visual quando necessário para facilitar a compreensão da criança autista e propiciar a comunicação. Promovendo oportunidades para a interação social da criança autista, incentivando a participação em atividades em grupo e oferecendo modelos de comportamento social adequados.

O construtivismo inspirado em Jean Piaget (1896-1980) enfatiza a construção do conhecimento pela criança através da interação com o ambiente, o professor é o mediador, proporciona experiências significativas que estimulam a curiosidade e a exploração. A aprendizagem se dá pela interação ativa das crianças com os objetos e com o meio, envolvendo processos de

assimilação e acomodação, onde os esquemas mentais pré existentes são utilizados para interpretar novas informações. São identificados diferentes estágios no desenvolvimento cognitivo infantil, cada um caracterizado por distintas formas de pensar e interagir com o mundo, esses estágios: sensório-motor, pré-operatório, concreto e formal, representam progressões qualitativas na capacidade de abstração, simbolização e lógica (Pádua, 2019).

A imagem mental, se configura como um sistema de representações mentais, permitindo que as crianças simbolizem objetos, eventos e conceitos ausentes, essa capacidade de formar imagens mentais se desenvolve gradativamente, acompanhando os estágios do desenvolvimento cognitivo. Além disso, desempenha diversas funções no processo de construção do conhecimento como: simulação mental; solução de problemas; memória e recordação (Gonçalves, 2021).

No que tange a relação mental e a construção do conhecimento vale ressaltar a importância da prática educacional, a importância do brincar, uma aprendizagem ativa e significativa e a importância do papel do educador como mediador, que orienta os alunos em uma jornada de aprendizagem fornecendo desafios adequados a cada nível de desenvolvimento (Pádua, 2019). O professor pode nas brincadeiras estimular os sentidos: audição, olfato, tato, paladar e a visão, promovendo práticas sensoriais concretas, estimulando a cognição e a interação.

Na literatura especializada da área diferentes metodologias têm sido aplicadas com resultados promissores no atendimento de autistas. Balio e Leão (2024) citam, por exemplo, o TEACCH TEACCH (Treatment and Education of Autistic and related Communication handicapped Children); o PADOVAN e a ABA. O TEACCH TEACCH trata de uma abordagem que se concentra em organizar o ambiente de forma clara e previsível para a criança, utilizando recursos visuais, rotinas e instruções estruturadas, como o intuito de facilitar a compreensão do mundo e a sua independência. A abordagem PADOVAN, enfatiza a importância da interação social e da comunicação, por meio de atividades lúdicas e direcionadas onde a criança é convidada a participar de atividades em grupo e a desenvolver habilidades sociais. Seu foco é o sistema nervoso central, propicia a reorganização dos movimentos de andar, falar e pensar (Balio; Leão, 2024).

A análise do comportamento aplicada (ABA) é um método que busca compreender e modificar comportamentos humanos, por meio da análise das relações entre indivíduos e seu ambiente. São utilizados princípios aprendidos em pesquisas de comportamentos para criar intervenções. Essas intervenções são planejadas para aumentar comportamentos desejáveis e reduzir aqueles que são problemáticos ou que interferem no desenvolvimento da pessoa (Oliveira; Silva, 2021). A ABA promove o desenvolvimento de crianças com autismo, esse método auxilia as crianças a alcançar seu máximo potencial e a participar mais ativamente na sociedade, o ABA é realizado por profissionais qualificados com foco no tratamento individual.

Furtuoso (2023) explica que muitas crianças com autismo apresentam desafios na forma como processam as informações sensoriais tais como: a hipersensibilidade, que são reações exageradas a estímulos; a hipossensibilidade, que é a dificuldade em perceber estímulos e a busca sensorial que é a necessidade constante de procurar estímulos. A autora pesquisa a Teoria de Integração Sensorial (TIS) e suas bases na terapia ocupacional, que visa a envolver atividades sensoriais específicas para ajudar a criança a responder adequadamente à luz, ao som, ao toque, aos cheiros e outras informações.

A TIS é uma abordagem que busca compreender como o cérebro organiza as informações recebidas pelos sentidos (tato, visão, audição, olfato, paladar e propriocepção, sentido da posição do corpo no espaço). Desta forma a integração sensorial é processo de organizar e interpretar essas informações como um software que transforma os dados em ações (Furtuoso, 2023).

As práticas são desenvolvidas por terapeutas ocupacionais ou equipes interdisciplinares, nas quais o pedagogo pode colaborar, e visam modular a resposta sensorial, melhorar o corpo no espaço, desenvolver habilidades sociais e aumentar a independência da criança. Vale destacar o papel do Plano de Atendimento Individualizado (PEI) para elaborar propostas, escolher abordagens e dar suporte adequado à criança autista.

O (PEI) é um guia personalizado elaborado, especialmente, para cada criança, considerando suas necessidades únicas e individualizadas. A partir da sua elaboração busca-se garantir que as crianças autistas recebam o suporte

educacional e terapêutico de que precisam para o seu desenvolvimento integral (Costa, 2016).

Balio e Leão (2024) destacam do PEI a definição de objetivos específicos e alcançáveis, permitindo acompanhar o progresso da criança e realizando ajustes no plano quando necessário. Outro ponto importante do PEI é garantir a inclusão da criança autista na escola regular, oferecendo os recursos e adaptações necessárias.

O PEI é elaborado por uma equipe multiprofissional que inclui, professores, terapeutas, pais e outros profissionais como médicos, nutricionistas, etc., dependendo das necessidades da criança. A elaboração envolve avaliação inicial como testes e entrevistas, definição de objetivos como as metas, elaboração de estratégias, escolhas metodológicas, criação de atividades e recursos, implementação e acompanhamento (Balio, Leão, 2024).

Dessa forma, o PEI permite acompanhar o desenvolvimento da criança ao longo do tempo e adaptar-se a quais áreas estão sendo mais beneficiadas pelas intervenções, identificando novas necessidades da criança e permitindo que o plano seja ajustado para atender a essas demandas.

É importante ressaltar que o PEI deve ser revisado periodicamente garantindo que ele continue atendendo às necessidades da criança, que estão em constante mudança

CONCLUSÃO

O estudo da história do autismo fez-se importante para a aprendizagem e a compreensão das especificidades do transtorno, especialmente para observar as transformações do conceito ao longo dos anos. Inicialmente, o autismo era mal interpretado, sendo visto como resultado de fatores emocionais ou familiares associados à ideia errônea de que as mães eram responsáveis. Conforme as pesquisas avançaram cada vez mais, o autismo passou a ser considerado uma condição neurológica, o que ajudou a desestigmatizar as percepções anteriores.

O avanço das ciências médicas e psicológicas levou também à maior aceitação e inclusão das pessoas autistas na sociedade. Há, na atualidade, o

reconhecimento da diversidade que envolve o espectro autista e a importância de promover abordagens personalizadas que valorizem as habilidades e os desafios únicos de cada indivíduo. Diante disso, a história do autismo revela não apenas uma jornada de crescente compreensão científica, mas também a necessidade de empatia e inclusão, essa evolução nos ensina que, ao nos esforçarmos para entender as experiências de todos, enriquecemos nossa sociedade como um todo.

As mudanças foram notadas também nos manuais diagnósticos, o DSM, fundamental para a definição e o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com a sistematização do conhecimento e a inclusão de critérios diagnósticos mais precisos, tornou-se possível reconhecer o autismo como um espectro, que abrange uma ampla variedade de manifestações e níveis de suporte. Em síntese, os manuais diagnósticos são essenciais não apenas para o diagnóstico clínico, mas também para promover uma compreensão mais inclusiva e empática do autismo, ajudando a garantir que indivíduos autistas recebam o suporte necessário para o desenvolvimento pleno.

Na seção 3 tivemos a oportunidade de aprofundar conhecimentos relativos a teorias, métodos e técnicas e planos educacionais focados no autismo. Observamos a importância do atendimento precoce e da interação para o desenvolvimento infantil, uma vez que o autismo trata-se, sobretudo, de uma perturbação relacional e interativa. Percebemos que o estímulo adequado e o foco na socialização, guardadas as necessidades individuais, podem trazer bons resultados.

Além disso, o tema do autismo nos fez refletir sobre a importância da empatia e da compreensão no processo educacional. Cada interação com alunos autistas nos ensinou a sermos mais pacientes e a adaptar nossas abordagens de ensino, criando um espaço em que todos se sintam valorizados. Essa jornada nos fez perceber que o autismo é uma questão que transcende o âmbito escolar, impactando a sociedade como um todo, e que devemos trabalhar para promover a inclusão em todos os âmbitos da sociedade.

Concluimos observando a necessidade de continuidade nas pesquisas a respeito do tema e pelo maior investimento em políticas públicas efetivas no atendimento ao TEA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. R. **Entendendo as estereotípias**. Instituto Inclusão Brasil. Disponível

em:<<https://institutoinclusaobrasil.com.br/entendendo-as-estereotipias/>>.

Acesso em: 22 ago. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALIO, Carla Lucchesi Alves; LEÃO, Karina Melo. Um estudo teórico sobre o desafio da educação para o estudante com autismo. **Revista Acadêmica Caderno de Diálogos**, v. 7, n. 1, p. 104-118, 2004.

BELISÁRIO FILHO, J. F. CUNHA, P. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010.

BIALER; Mariana; VOLTOLINI, Rinaldo. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, e458665, 2022.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil**: trabalhando a mediação pedagógica. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2023.

COSTA, D. S. **Plano educacional individualizado**: implicações no trabalho colaborativo para inclusão de alunos com autismo. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia**: a história do autismo. Tradução de Araújo, L. A. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2017.

EVÊNCIO, Kátia Maria de Moura; FERNANDES, George Pimentel Fernandes. História do Autismo: Compreensões Iniciais. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v.13, n. 47, 2019, p. 133-138.

FURTUOSO, Patrícia. **Teoria da Integração sensorial na aprendizagem de crianças com transtornos do espectro do autismo**. 254f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

GARDNER, Howard. A Nova Ciência da Mente: uma história da revolução cognitiva. São Paulo, Edusp, 1995.

GONÇALVES, Patrícia Lorena. **A imagem mental e a construção do conhecimento**: um estudo piagetiano sobre a cognição de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. 191 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

GONÇALVES, Patricia Lorena. **A imagem mental e a construção do conhecimento**: um estudo piagetiano sobre a cognição de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-09112021-153437/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MAS, Natalie Andrade. **Transtorno do Espectro Autista: história da construção de um diagnóstico**. 103f. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Daniela Santos Ferreira; SILVA, Anderson Douglas Pereira Rodrigues. Autismo e a Educação: ciência ABA (Análise do Comportamento Aplicada) como proposta de Intervenção na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação- REASE, 2021.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação**: interação social no cotidiano escolar. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

PADRÓN, Clara. **O que são as estereotipias?** Autismo e Realidade. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2019/09/12/o-que-sao-as-estereotipias/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan. A epistemologia genética de Jean Piaget. **Revista FACEVV**, 2019.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução de Os Pensadores. Abril Cultural, 1970.

VYGOTSKI, L. S. **Aprendizado e Desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.